

Mosaico Baiano¹:
A representação da Bahia pelos baianos e para os baianos

Blenda TOURINHO²
Elaine GOMES
Luâne ALMEIDA
Priscila MATOS
Leonardo Santa Inês CUNHA³

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA

Resumo: Neste artigo, analisamos o programa regional *Mosaico Baiano*, transmitido pela Rede Bahia, que aborda assuntos variados sobre o cotidiano, moda, decoração, artistas locais, produções e eventos ligados à Bahia, além de apresentar como cenário os lugares que possuem representação para os baianos. Pretende-se verificar o posicionamento dos mediadores, a maneira como os quadros são conduzidos por eles e como a baianidade é mostrada nos *corpora* analisados. O nome e o programa *Mosaico Baiano* condizem com a proposta de revista eletrônica, que procura mostrar matérias com abordagens e locais variados.

Palavras-chave: Mosaico Baiano, modos de endereçamento, mediador, revista eletrônica, baianidade.

Introdução

O presente artigo possui como objeto de estudo o programa *Mosaico Baiano* a partir dos seguintes *corpora*: 22 de setembro, 20 de outubro, 10 de novembro e 8 de dezembro, no ano de 2012. O trabalho analisa as características de uma revista eletrônica; os diferentes enfoques do programa com base na condução dos blocos pelos mediadores – como se comportam diante das câmeras e como se posicionam para o telespectador –; a maneira como o *Mosaico Baiano* é organizado; como os temas regionais são abordados; e, além disso, verifica se o conteúdo condiz com o título da revista eletrônica.

A escolha do objeto de estudo foi realizada em consequência da proximidade geográfica que a equipe possui com o programa e pelo fato de o *Mosaico Baiano* ser exibido há cinco anos na TV regional de maior audiência do estado e não possuir quase nenhuma pesquisa na área. Este trabalho será embasado teoricamente nos modos de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XV Intercom Nordeste.

² As autoras são Estudantes de Graduação 7º. semestre do Curso de Relações Públicas da UNEB-BA, email: blenda.tourinho@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Relações Públicas da UNEB-BA, email: lscunha@uneb.br



endereço, abordados por Itânia Maria Mota Gomes (2007), e na Análise do Discurso de linha francesa a partir dos autores Dominique Maingueneau (2008) e Eliseo Verón (2005), que, apesar de trabalharem com materiais impressos, suas teorias serão adaptadas à revista eletrônica.

Televisão brasileira: do nacional ao regional

Trazida por Assis Chateaubriand que, além de jornalista, empresário, mecenas e político, foi um dos homens públicos mais influentes do Brasil nas décadas de 1940 a 1960, a televisão teve seu primeiro conteúdo exibido no país nos anos 1950. Nesta época, os programas eram exibidos apenas ao vivo, pois não havia transmissão via satélite e, em consequência disso, a televisão passava a ser um veículo essencialmente regional.

Na década seguinte, o *videotape* permitiu que um mesmo programa fosse exibido em diversas cidades e, a partir desse momento, os canais locais passaram a transmitir a programação de uma "emissora-mãe", que regia todo o país. Segundo José Bonifácio de Oliveira, publicitário, empresário, ex-diretor geral da Rede Globo, e mais conhecido como Boni era necessário que as emissoras nacionais fossem rígidas para obrigar as TVs regionais a acompanharem o chamado “padrão de qualidade⁴”.

Contudo, nos últimos anos houve uma valorização do cenário local e, com isso, os programas começaram a investir nos assuntos que estão próximos ao seu telespectador. De acordo com Octávio Florisbal, atual diretor geral da Rede Globo, as pessoas precisam sentir que a emissora está próxima delas. Com o objetivo de atender a essas exigências, a Rede Globo destina uma média de doze a quatorze horas semanais para as produções de suas emissoras parceiras, com o propósito de buscar riquezas regionais.

Mosaico Baiano

Na Bahia, o programa regional *Mosaico Baiano*, objeto de estudo do presente artigo, é exibido aos sábados, das 13h50min às 14h45min, desde o ano de 2007 e

⁴ Como o Brasil Vê Televisão. **Revista Veja.Com**. Ed. nº. 2.134, de 05/08/2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/050809/como-brasil-ve-televisao-p-144.shtml>>. Acessado em: 17/12/2012.



veiculado através da Rede Bahia. É apresentado por Alessandro Timbó, além de ser dividido por quadros que são mediados por Maria Menezes, que apresenta o quadro “Mapas Urbanos” (bairros, comportamento e curiosidades), Sílvia Resende, que não possui um quadro definido, classificado como “Variedades” (artistas, eventos e diversos temas), e Paula Magalhães, que está à frente do “Expresso da Moda” (moda e decoração). São exibidos nesse programa: curiosidades, clipes, documentários, dicas de cinema, teatro, *shows*, apresentação de novos artistas, visitas a bairros, comportamento, turismo, moda, cobertura de eventos e decoração.

A única descrição do programa foi encontrada na *internet*, em uma comunidade oficial da rede social Orkut⁵, que diz: “No programa você confere uma mistura de temas diversos, conectada com a efervescência baiana. Um espelho do que acontece em nosso estado. Um mosaico do melhor da Bahia, o Mosaico Baiano”. Normalmente, o *Mosaico Baiano* é gravado fora do estúdio e desloca os mediadores para locais de significação cultural e histórica, seja na capital ou no interior Bahia.

Referencial teórico-metodológico

Este trabalho está embasado teoricamente nos modos de endereçamento abordados por Itânia Maria Mota Gomes (2007) e na Análise do Discurso de linha francesa, a partir dos autores Dominique Maingueneau (2008) e Eliseo Verón (2005). Porém, apesar desses dois últimos trabalharem com materiais impressos, suas teorias serão adaptadas à revista eletrônica e regional, *Mosaico Baiano*. Os operadores de análise sobre os modos de endereçamento, de Itânia Gomes, não estão relacionados somente ao discurso jornalístico, mas ao formato de revista eletrônica.

Para Dominique Maingueneau (2008), o discurso, em sua ocorrência, apresenta alguns princípios básicos, como: a) Ser uma organização situada para além da frase – não depende de frases para ser formado, mas de uma unidade complexa, submetida a regras de organização em um grupo social determinado, como uma narrativa ou um diálogo; b) Ser orientado – desenvolve-se no tempo e é linear; c) Ser uma forma de ação – uma enunciação constitui um ato visando modificar uma situação; d) Ser interativo – envolve uma atividade verbal entre pessoas, uma troca com outros enunciadorees, ou seja, os coenunciadores; e) Ser contextualizado – o sentido de um enunciado é

⁵ Comunidade Oficial do Mosaico Baiano no Orkut. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=36696901>>. Acessado em: 04/12/2012.



compreendido pelo seu contexto; f) Ser assumido por um sujeito – o discurso remete a uma fonte de referências (um sujeito) e indica atitudes em relação ao que diz e ao seu coenunciador; e g) Ser regido por normas – é inserido na atividade verbal e passível a normas, legitimando o exercício da palavra.

Neste sentido, Maingueneau trata o discurso a partir de uma semântica global, que explica a prática de um discurso, seu *Ethos*⁶, a própria organização das comunidades discursivas e, além disso, permite compreender práticas intersemióticas. Conforme o autor, “mesmo quando escrito, um texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito situado para além do texto. O *Ethos* envolve de alguma forma a enunciação, sem estar explícito no enunciado” (MAINGUENEAU, 2000, p. 93).

O discurso se caracteriza, também, por uma “maneira de dizer” específica, um modo de enunciação. Ao integrar enunciador e coenunciador em uma mesma “ordem” de sociabilidade ideal, é possível notar que o conceito de coenunciação deve-se ao fato de que sempre que um sujeito se enuncia, ele o faz para persuadir um “tu”. Nesse sentido, o “eu” leva em conta as expectativas, os anseios, os possíveis conhecimentos de mundo do outro. Enfim, a imagem que tem do leitor e/ou ouvinte para elaborar seu discurso. É a partir da imagem do coenunciador que o enunciador vai projetar no enunciado determinadas escolhas enunciativas e não outras.

Um enunciado, portanto, se constrói em conjunto por “eu-tu”. Ninguém enuncia sozinho, há sempre um sujeito destinador e um sujeito destinatário que juntos constroem o enunciado e, por isso, se diz coenunciação. Neste sentido, o discurso apresenta-se como um processo de adaptação às pessoas e às circunstâncias.

Eliseo Verón será utilizado como base teórica a partir do seu estudo da enunciação no discurso. Para este sociólogo, antropólogo e semiólogo argentino, “(...) uma mensagem nunca produz automaticamente um efeito. Todo discurso desenha, ao contrário, um campo de efeitos de sentido e não um e único efeito” (VERÓN, 2005, p. 216). Dentro deste contexto, Verón conceitua o enunciado como a ordem do que é dito, ou seja, é a ordem do conteúdo; a enunciação, por sua vez, diz respeito ao dizer e suas modalidades – os modos de dizer –, e não ao que é dito. No programa *Mosaico Baiano*, um dispositivo de enunciação proposto pelo autor será utilizado para analisar a imagem dos mediadores – os enunciadores.

⁶ “Termo emprestado da retórica antiga, o *Ethos* designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso no que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal.” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 220).

Itânia Gomes (2007) traz o conceito de gênero televisivo, que é uma maneira de localizar a audiência em relação a determinado programa, ou seja, em relação ao assunto que nele é abordado. Conforme Klaus Bruhn Jensen (*apud* GOMES, 2007, p. 10-11), “um gênero é uma forma cultural que apresenta a realidade social em uma perspectiva própria e, ao fazer isso, implica formas específicas de percepção e usos sociais do conteúdo. Assim, o gênero estabelece um modo de comunicação ou, mais especificamente, uma situação comunicativa, entre o emissor e o destinatário”.

Entende-se por modo de endereçamento a maneira como um programa específico tenta estabelecer uma forma singular de relação com seu público-alvo. Isso ocorre a partir da construção de um *estilo* que torna o programa televisivo diferente dos demais. Segundo Morley e Brunson (*apud* GOMES, 2007, p. 21): “O conceito de ‘modo de endereçamento’ designa as específicas formas e práticas comunicativas que constituem o programa, o que teria referência dentro da crítica literária como o seu ‘tom’ ou o seu ‘estilo’”.

Itânia Gomes (2007) aborda, nos modos de endereçamento, a relação que é construída entre o programa televisivo e o seu destinatário. Essa relação está vinculada à maneira com que o programa se apresenta, ou seja, a seu estilo e, desta forma, ao processo de produção de sentido. A partir disso, serão analisados o gênero e os modos de endereçamento no programa *Mosaico Baiano*.

Os operadores metodológicos apresentados pela autora e escolhidos para análise, a partir dos modos de endereçamento, são:

1. O mediador – nos programas jornalísticos, os possíveis mediadores são: apresentadores, âncoras, comentaristas, correspondentes e repórteres. Assim como nos telejornais, o apresentador de um programa como o *Mosaico Baiano* tem um papel muito importante, tendo em vista que é ele quem faz a ponte entre o programa e sua audiência. Por isso, é essencial compreender como eles se posicionam diante do telespectador.

2. Contexto comunicativo – diz respeito ao ambiente, temporalidade, definição dos seus participantes, aos objetivos e às formas de comunicar. Sendo assim, a forma como os mediadores falam com o telespectador através de técnicas de enunciação, a escolha dos cenários e as posturas adotadas pelos enunciadores determinam como se pretende atingir a audiência.

3. O pacto sobre o papel do jornalismo – refere-se à maneira como a relação entre o programa e o telespectador é mantida através de uma série de acordos firmados

pelo pacto do jornalismo com a sociedade. O pacto é caracterizado pelas premissas, valores, normas e convenções que constituem o telejornal que lida com objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, dentre outros. Porém, esse operador não consegue atender às necessidades de análise de um programa de entretenimento, por isso, só será utilizada a abordagem sobre o pacto que diz ao telespectador o que ele deve esperar do programa. Por este motivo, esse operador passará a se chamar “pacto sobre o papel da revista eletrônica”.

4. Organização temática – trata-se da forma como o programa é organizado, ou seja, a distribuição de tempo para cada quadro e a prioridade que é dada para cada temática. Nesse sentido, serão analisados esses aspectos no programa *Mosaico Baiano*, a fim de observar a atenção dada aos elementos da cultura baiana.

Os programas selecionados (aleatoriamente) para a análise foram exibidos nos seguintes dias e respectivos meses: 22 de setembro, 20 de outubro, 10 de novembro e 8 de dezembro, no ano de 2012. Neles, foram analisados apenas os elementos pertinentes à temática e ao objetivo deste estudo.

Não há, de fato, estudos específicos para determinar o que é uma revista eletrônica com o enfoque voltado para o programa em análise. Assim como em algumas revistas impressas, diversos programas televisivos mesclam entretenimento, prestação de serviços e variedades de uma forma dinâmica. Na televisão brasileira, o termo é usado de forma conotativa para classificar alguns programas jornalísticos, como o Fantástico, da Rede Globo, e o Domingo Espetacular, da Rede Record. Essa classificação, no entanto, não possui uma definição aplicada, sem deixar claro quais são as características que se enquadram nesse tipo de programa.

Diante disso, foram analisados os efeitos de sentido produzidos pelo *Mosaico Baiano* a partir do contexto que o programa está inserido, foi observado se o programa consegue atingir o objetivo proposto pelo seu título, de ser um “mosaico”, e a maneira como os enunciadores se dirigem ao público-alvo, assim como o caráter e a corporalidade atribuídos ao diálogo com a população baiana por meio dos mediadores.

Resultados Obtidos

Mosaico Baiano: um retrato da Bahia?

Com o suporte dado pela base teórica escolhida, foi possível verificar as características do *corpora* do estudo, que tem por pretensão averiguar como a cultura



baiana é abordada no *Mosaico Baiano* e como as temáticas se comunicam com a população local, composta por identidades distintas que, ao mesmo tempo, formam uma unidade simbólica.

Embasada nos operadores metodológicos sobre os modos de endereçamento, apresentados por Itânia Gomes (2007), com a adaptação anteriormente explicada, a análise do programa apresentou os seguintes resultados:

O mediador – O programa *Mosaico Baiano* utiliza apenas um apresentador e três repórteres que estão à frente dos quadros. A figura central da revista eletrônica, Alessandro Timbó – que faz a ponte entre o programa e sua audiência –, em todos os programas analisados segue um padrão de comportamento e de vestuário – geralmente, ele utiliza bermudas, calças *jeans*, camisas de malha e tênis, por exemplo –, que sugere certa descontração e informalidade diante do público.

Com a linguagem verbal não é diferente, pois o apresentador se dirige ao público baiano, aos outros mediadores e aos convidados com um sotaque carregado – típico do soteropolitano –, com o uso de gírias locais, com simpatia e leveza na tentativa de manter um vínculo mais estreito, além de um tom intimista com o telespectador. Neste sentido, Timbó, como é conhecido, permite que seja mantida uma conexão entre seu público e as temáticas que são exibidas no *Mosaico Baiano*.

No decorrer dos programas, os outros mediadores apresentam-se de maneiras distintas e muito particulares. Maria Menezes, por exemplo, atriz conhecida no cenário teatral baiano, que apresenta o quadro “Mapas Urbanos”, usa vestimentas com estampas coloridas e acessórios extravagantes. A composição entre vestuário e a maneira de se dirigir ao público marca fortemente o estereótipo do baiano – sempre reconhecido como acolhedor e espontâneo. Durante os quadros analisados, a atriz e apresentadora se apropria do humor e da dramaturgia para tornar as situações cotidianas mais lúdicas e com pitadas críticas, como no caso do dia 22 de setembro, que “Mapas Urbanos” teve como tema “Reforma em apartamento”, no qual Maria Menezes simula mulheres de diversos perfis.

Dentre elas, Maria Menezes interpreta uma “madame”, que está realizando uma reforma em seu apartamento e reclama a todo o tempo com os trabalhadores da obra e utiliza sempre termos estrangeiros, como “meu *home* não está *clean*”. Além da “sofisticada” senhora, outra personagem incorporada pela apresentadora é uma mulher exigente e perfeccionista, que implica com qualquer detalhe da obra. Por fim, surge uma proprietária *zen*, que energiza o ambiente e os trabalhadores durante toda a obra.

A outra mediadora do *Mosaico Baiano*, Sílvia Resende, é responsável por cobrir os eventos e as curiosidades que surgem dentro e fora da cidade de Salvador, como a visita do coreógrafo da série *Glee*, Jim Cooney, ao Pelourinho, exibida no programa do dia 10 de novembro, e também a cobertura do evento produzido por Daniela Mercury, com participação da banda Cabeça de Nós Todos, dia 08 de dezembro. Nos *corpora* analisados, ela utiliza roupas e maquiagens sóbrias que se aproximam de um posicionamento jornalístico mais sério, quando comparado aos outros mediadores. Além disso, sem deixar de lado a jovialidade, seu discurso diante do público e dos entrevistados segue esse mesmo viés. O efeito de sentido que isso produz em cada entrevista confirma o caráter múltiplo do *Mosaico*, que possui jornalistas mais descontraídos e outros um pouco mais “tradicionalistas”.

Já Paula Magalhães, que está à frente do quadro “Expresso da Moda”, utiliza termos técnicos da indústria da moda em suas falas e seu figurino – maquiagem, roupa, sapatos e acessórios – é sempre composto por peças elaboradas e que estão em evidência no circuito *fashion*. Em suas matérias de moda e decoração (nos *corpora* analisados, foram três programas voltados para a moda e um para a decoração: dias 22 de setembro, 20 de outubro, 10 de novembro e 8 de dezembro, respectivamente), a apresentadora traz sempre a voz de um especialista para legitimar seu discurso.

Diante disso, sendo um dos fundamentos da retórica, o *Ethos* dos mediadores do *Mosaico Baiano* confere, numa instância subjetiva, uma aproximação implícita ao que é dito. Desta maneira, o posicionamento de quase todos os mediadores – a forma como se comportam e se vestem – deixa subentendido o tom de informalidade que o programa deseja transmitir.

Com relação ao posicionamento enunciativo, os mediadores (enunciadores) do programa em questão mantêm cumplicidade com o telespectador (coenunciador), uma vez que ambos (enunciador e coenunciador) estão no mesmo nível.

O segundo operador de análise, que se refere ao *contexto comunicativo*, diz respeito a ambiente, temporalidade, definição dos seus participantes, objetivos e formas de comunicar. A maneira como falam com o telespectador através de técnicas de enunciação, a escolha dos cenários e as posturas adotadas pelos enunciadores determinam como se pretende atingir a audiência. Na maioria das vezes, os mediadores do *Mosaico Baiano* fazem uso de expressões como: “Você, ‘vacilão’, que só ligou a TV agora no canal certo”, “Rolou sentimento?”, “A gente pode conferir”, “Você aí de

casa!”, “Presta atenção!”, dentre outros. Assim, os mediadores do programa conseguem atar o liame com o destinatário.

O programa em análise também tenta alcançar a diversidade do público baiano utilizando o deslocamento dos enunciadores para locações externas, que representam a identidade cultural da Bahia, o que possibilita uma aproximação entre eles e o público a que se destina. Vale ressaltar que, com relação às formas de comunicar, o *Mosaico Baiano* possui uma linguagem informal, característica de revistas eletrônicas.

Todos os programas foram gravados em ambientes abertos, que aparentam ser apresentados ao vivo. No dia 22 de setembro, Alessandro Timbó apresentou o programa direto do Palacete das Artes – um dos mais importantes museus da Bahia, que abrigou a exposição de Auguste Rodin por três anos. Já no dia 20 de outubro, o programa foi gravado no TCA (Teatro Castro Alves) – maior e mais importante centro artístico de Salvador, que se localiza no bairro Campo Grande. Dia 10 de novembro, o programa foi exibido no IGHB (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) – conhecido como Casa da Bahia, é a instituição que reúne os pesquisadores e estudiosos destacados nas áreas de Geografia, História e Ciências na Bahia. Por fim, no dia 8 de dezembro, Timbó aparece na praia da Ribeira – além de ser banhada pela Baía de Todos os Santos, é considerada um dos locais mais charmosos e boêmios de Salvador.

Na tentativa de aproximar o público e criar um ambiente mais íntimo, o apresentador busca sempre explorar todos os locais onde são gravados os programas. Em cada bloco, Alessandro Timbó surge em um lugar diferente, como por exemplo, no TCA ele é filmado na sala do coro, no *foyer*, na área externa e na sala principal do teatro. Além de mostrar cada parte do espaço, o mediador leva artistas que participam do programa para compor o cenário e não fugir da temática do local escolhido.

Com relação ao operador de análise *pacto sobre o papel da revista eletrônica*, adaptado do *pacto sobre o papel do jornalismo*, de Itânia Gomes (2007), é possível perceber que existe uma série de acordos implícitos firmados entre o programa e seu telespectador. Esses pactos feitos nas entrelinhas com o telespectador dizem respeito ao que ele deve esperar do *Mosaico Baiano* como, por exemplo, o próprio título da revista eletrônica, que sugere uma composição de fragmentos – referentes aos temas diversificados – e produz uma unidade simbólica e representativa da Bahia.

Além disso, o *Mosaico* mantém atualizado o pacto sobre o papel de um programa de entretenimento na sociedade, principalmente, quando lida com noções de dinamicidade, autenticidade, informalidade, irreverência e humor – características



gerais que remetem ao estereótipo do baiano. Como vimos anteriormente, a linguagem e vestuários dos mediadores são informais; há uma pitada de irreverência e humor empregados por Maria Menezes em “Mapas Urbanos”; assim como o próprio fato de o *Mosaico Baiano* abordar assuntos regionais e ser apresentado em ambientes diversos reafirma a dinamicidade e autenticidade do programa.

Nos *corpora* observados, foram detectadas apenas três matérias que se destacam ao trazerem a temática da baianidade, sendo que uma foi gravada na Bahia e duas em outras localidades: Paris e São Paulo. A primeira foi exibida no dia 20 de outubro e deslocou parte da equipe do programa para cobrir a *Lavage de La Madeleine*, em Paris, inspirada pela tradicional lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim, na Bahia. O evento é um Festival de Cultura Brasileira criado pelo baiano de Santo Amaro, Roberto Chaves, e é considerado como importante exemplo do sincretismo religioso, que une elementos do catolicismo e das religiões afro-brasileiras, como o encontro de um pai de santo baiano com um padre francês. Esse festival proporciona um momento significativo para os brasileiros exporem suas raízes internacionalmente.

Apresentaram-se grupos de capoeira, tambor de crioula, batucada de samba, axé, o Olodum e as baianas; os Filhos de Gandhi desfilaram, tocaram e movimentaram, através do cortejo, uma multidão de parisienses, turistas e baianos que residem na Europa e que foram contagiados pelos nossos ritmos, cores e adereços. Nesta matéria apresentada pelo *Mosaico Baiano* houve destaque para os elementos da cultura baiana e para a forma como nossa cultura é representada fora do país. Vale ressaltar que essa é a matéria em que o sentido de baianidade aparece mais fortemente.

A segunda matéria, apresentada no dia 10 de novembro, foi filmada no Espaço Itaú de Cinema Glauber Rocha, que sediou o 8º Panorama Internacional Coisa de Cinema, no dia em que o destaque foi o Ciclo de Cinema Brasileiro, que valoriza os longas metragens do cenário independente. Dentre os consagrados cineastas baianos, o evento contou com Cláudio Marques, que comentou sobre a homenagem ao pornô-chanchada, e Eryck Rocha, filho do grande ícone do Cinema Novo, Glauber Rocha. Os dois cineastas foram entrevistados por Alessandro Timbó, que fez referência a Glauber ao citar a famosa frase que marcou o Cinema Novo: “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Com base nessa matéria, fica evidente a valorização das produções baianas de cinema, assim como dos profissionais da área.

A terceira e última matéria, mostrada também no dia 10 de novembro, foi gravada no auditório do Ibirapuera, São Paulo, no festival Bahia de Som Salvador. A

matéria foi apresentada pela cantora baiana radicada em São Paulo, Márcia Castro, que mostrou trechos das apresentações dos artistas baianos, como BaianaSystem, Orkestra Rumpilezz e Manuela Rodrigues. Márcia Castro, a “repórter por um dia”, entrevistou também alguns artistas e questionou a valorização do músico baiano e o fato desse festival ser apresentado na capital paulista. Uma das entrevistadas, a cantora e compositora, Manuela Rodrigues respondeu: “Eu não acho que hoje seja essencial você sair de Salvador para o seu trabalho caminhar, mas às vezes eu sinto a dificuldade da própria Salvador olhar para Salvador com esse olhar de que, ‘pô’, isso aqui é nosso”.

Desta maneira, fica clara a intenção do programa em se deslocar do seu ambiente natural (gravações em Salvador) para mostrar artistas baianos que estão sendo valorizados em um evento próprio da música baiana, mas que é mostrado em outro estado. Assim, é possível perceber como a música baiana é mais valorizada em outros estados que na própria Bahia e como os músicos baianos têm dificuldade em conseguir incentivo e destaque no cenário local.

Quanto à *organização temática* do *Mosaico Baiano*, há uma ordem específica na exibição dos quadros fixos dos *corpora* analisados. Esses quadros fixos apresentam o seguinte padrão: Mapas Urbanos (Maria Menezes) – 1º bloco; Variedades (Sílvia Resende) – 2º bloco; e Expresso da Moda (Paula Magalhães) – 3º bloco. As matérias têm uma duração média de cinco minutos cada, que são intercaladas por *inserts* do apresentador Alessandro Timbó e outras matérias com temas diversos e tempo variável. A matéria que demandou maior tempo de exibição (dez minutos) foi a que teve gravação realizada em São Paulo, no festival Bahia de Som Salvador.

Diante disso, é possível afirmar que essa mescla de temas – que perpassa por cultura, moda, culinária, lazer, eventos, curiosidades etc – e lugares faz parte do objetivo do programa: revelar-se como um mosaico.

Conclusão

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa ainda inicial, exploratória, que visa contribuir com os poucos estudos existentes sobre revista eletrônica, pois não foi encontrado um conceito definido nem um aprofundamento sobre o que de fato é uma revista eletrônica e nem estudos sobre o programa em questão.

O programa *Mosaico Baiano*, assim como algumas revistas impressas, oferece uma variedade de assuntos atuais, que fazem parte do cotidiano das pessoas de uma

maneira informativa e divertida. Sua programação é direcionada para toda a família, por ter uma linguagem descontraída e pela variedade temática. O programa, por estar sempre em busca de novidades, é um painel dinâmico e um espaço para a experimentação de novas ideias.

Em virtude da análise realizada, foi possível perceber que o programa, pela sua diversificação e miscelânea dos conteúdos apresentados, faz jus, em partes, ao seu nome, uma vez que ele representa, de fato, um mosaico de diversos temas, mas não um “mosaico baiano”, pois apenas alguns dos temas são pertinentes ao cotidiano da população baiana.

Ainda assim, nos *corpora* analisados, não foi possível confirmar a hipótese de que seria encontrada quantidade suficiente de matérias e elementos representativos da baianidade. Vale lembrar que, apesar de estarem presentes elementos da baianidade (na maneira de condução dos temas, no posicionamento dos mediadores e nos locais onde foram transmitidos os programas), poucas matérias evidenciaram a essência baiana. Matérias que tiveram este papel foram gravadas em outros lugares, exceto na Bahia. Essa realidade nos faz afirmar que há uma deficiência local em valorizar o que é próprio da cultura baiana.



Referências bibliográficas

GOMES, Itânia Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Ed. Abril de 2007. Disponível em <www.compos.org.br>. Acessado em 15/2/2012.

GOMES, Sara Maria Cardoso. **Um mapeamento dos elementos de convergência**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed714_um_mapeamento_dos_elementos_de_convergencia>. Acessado em 18/12/2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTHE, Marcelo. Como o Brasil Vê Televisão. **Revista Veja.Com**. Ed. nº. 2.134, de 05/08/2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/050809/como-brasil-ve-televisao-p-144.shtml>>. Acessado em: 17/12/2012.

VERÓN, Eliseo. Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita In: **Fragmentos de um tecido**. S. Leopoldo: UNISINOS, 2005.